

Refuncionalização fabril e nostalgia industrial: o caso da Fábrica de Cartuchos de Realengo em Rio de Janeiro, Brasil (2004-2024)^{1*}

Sílvia Borges-Corrêa^{2**}

Lucia Santa-Cruz^{3***}

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.15446/hys.n50.120708>

Resumo | O artigo analisou como o processo de refuncionalização entre 2004 e 2024 da antiga Fábrica de Cartuchos de Realengo incorporou - ou não - elementos de preservação do patrimônio industrial associados à nostalgia fabril. O objetivo foi compreender de que maneira a memória coletiva influenciou a percepção da transformação do antigo complexo bélico em parque urbano. Para isso, realizou-se um estudo de caso que envolveu revisão documental, levantamento de registros históricos e digitais, entrevistas semiabertas, além de observação direta em diferentes momentos da construção e da inauguração do Parque Realengo Susana Naspolini. Os resultados indicaram que, embora a chaminé e uma edificação vinculada ao antigo conjunto fabril tenham sido preservadas, a conexão entre o parque e seu passado industrial mostrou-se tênue. As entrevistas revelaram laços afetivos significativos de antigos operários e moradores com a fábrica, enquanto os visitantes atuais priorizaram o uso recreativo do espaço, sem referências explícitas à sua história fabril. Conclui-se que a refuncionalização gerou uma nostalgia superficial, próxima à “nostalgia das chaminés”, e recomenda-se que futuras intervenções integrem memória do trabalho e participação comunitária nos projetos de patrimonialização.

Palavras-chave | refuncionalização; história oral; história urbana; patrimônio industrial; conservação dos bens culturais; política e planejamento cultural; nostalgia; memória; Brasil; século XXI.

Industrial Refunctionalization and Industrial Nostalgia: The Case of Fábrica de Cartuchos de Realengo in Rio de Janeiro, Brazil (2004-2024)

^{1*} **Recebido:** 2 de junho de 2025 / **Aprovado:** 24 de outubro de 2025 / **Modificado:** 17 de novembro de 2025. Artigo de pesquisa derivado do Projeto I+D+i “Refuncionalização de instalações industriais em espaços da economia criativa: patrimônio industrial e transformação de instalações industriais em espaços culturais, criativos e de consumo na cidade do Rio de Janeiro” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, através da Chamada Pró-Humanidades CNPq/MCTI/FNDCT no. 40/2022.

^{2**} Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação da Escola Superior de Propaganda e Marketing (Rio de Janeiro, Brasil). Áreas de especialização: pesquisadora em sociologia urbana e antropologia cultural. Conceitualização; obtenção de financiamento; pesquisa; metodologia; coordenação do projeto; supervisão; redação, revisão e edição do texto final <https://orcid.org/0000-0001-7879-1218> sborges@espm.br

^{3***} Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação da Escola Superior de Propaganda e Marketing (Rio de Janeiro, Brasil). Áreas de especialização: pesquisadora em comunicação e memória coletiva. redação, revisão e edição do texto final <http://orcid.org/0000-0003-1007-2473> lucia.santacruz@espm.br

Como citar / How to Cite Item: Borges-Corrêa, Sílvia y Lucia Santa-Cruz. 2026. “Refuncionalização fabril e nostalgia industrial: o caso da Fábrica de Cartuchos de Realengo em Rio de Janeiro, Brasil (2004-2024)”. *Historia y Sociedad*, (50): 228-254. <https://doi.org/10.15446/hys.n50.120708>

Abstract | The article analyzed how the refunctionalization of the former *Fábrica de Cartuchos de Realengo* between 2004 and 2024 incorporated — or not — elements of industrial heritage preservation associated with factory nostalgia. The objective was to understand how collective memory influenced the perception of the transformation of the former military complex into an urban park. To this end, a case study was conducted involving document review, collection of historical and digital records, semi-structured interviews, and direct observation at different moments of the construction and inauguration of the Parque Realengo Susana Naspolini. The results indicated that, although the chimney and one building from the former factory complex were preserved, the connection between the park and its industrial past proved to be tenuous. The interviews revealed significant emotional ties between former workers and residents and the factory, while current visitors prioritized the recreational use of the space, with no explicit references to its industrial history. It is concluded that the reuse generated a superficial nostalgia, close to the so-called “chimney nostalgia,” and it is recommended that future interventions integrate labor memory and community participation into heritage projects.

Keywords | refuncionalización; oral history; urban history; industrial heritage; cultural heritage conservation; cultural policy and planning; nostalgia; memory; Brazil; 21st century.

Refuncionalización fabril y nostalgia industrial: el caso de la Fábrica de Cartuchos de Realengo en Río de Janeiro, Brasil (2004-2024)

Resumen | El artículo analizó cómo el proceso de refuncionalización de la antigua Fábrica de Cartuchos de Realengo, entre 2004 y 2024, incorporó —o no— elementos de preservación del patrimonio industrial asociados a la nostalgia fabril. El objetivo fue comprender de qué manera la memoria colectiva influyó en la percepción de la transformación del antiguo complejo bélico en parque urbano. Para ello, se realizó un estudio de caso que incluyó revisión documental, levantamiento de registros históricos y digitales, entrevistas semiestructuradas y observación directa en distintos momentos de la construcción y la inauguración del Parque Realengo Susana Naspolini. Los resultados indicaron que, aunque se preservaron la chimenea y un edificio vinculado al antiguo conjunto fabril, la conexión entre el parque y su pasado industrial resultó tenue. Las entrevistas revelaron lazos afectivos significativos entre antiguos obreros y vecinos con la fábrica, mientras que los visitantes actuales priorizaron el uso recreativo del espacio, sin referencias explícitas a su historia fabril. Se concluye que la refuncionalización generó una nostalgia superficial, cercana a la llamada “nostalgia de las chimeneas”, y se recomienda que las futuras intervenciones integren la memoria del trabajo y la participación comunitaria en los proyectos de conservación del patrimonio cultural.

Palabras clave | refuncionalización; historia oral; historia urbana; patrimonio industrial; conservación del patrimonio cultural; política y planificación cultural; nostalgia; memoria; Brasil; siglo XXI.

Introdução

Embora o passado industrial tenha sido socialmente desigual, frequentemente esse período é lembrado mais por seus benefícios e impactos positivos nas comunidades ao redor das fábricas do que por doenças ou degradação ambiental. O processo de desindustrialização pode evocar o que Cowie e Heathcott (2003) chamaram de “nostalgia da chaminé” (Strangleman 2023). Observa-se que muitas refuncionalizações de fábricas (Santos 1985; 1998; 2002) preservam as chaminés como patrimônio, como um sinal sempre presente do propósito passado do edifício. Especificamente em relação ao patrimônio industrial, Meneguello destaca

que “também abrange todo o universo da memória laboral e dos trabalhadores, suas práticas e formas de fazer, sua cultura material e visual” (Meneguello org. 2021). Uma vez que o patrimônio industrial não se limita apenas às instalações de tijolos e cimento, mas está relacionado aos sentimentos e à memória das pessoas, também há um apego potencial ao passado. Isso pode ser percebido como um sentimento nostálgico. A refuncionalização, do ponto de vista de Santos (Santos 1985; 1998; 2002), é entendida aqui como um processo ou procedimento pelo qual uma nova função e uma nova racionalidade, respondendo a novas necessidades socioeconômicas, são atribuídas a um objeto urbano. Refere-se à adaptação de objetos urbanos aos usos e consumo de um determinado momento histórico.

A refuncionalização de fábricas, armazéns, instalações portuárias e estações ferroviárias ocorre no contexto da transição de uma economia industrial para uma economia pós-industrial, fortemente baseada em indústrias criativas e no setor de serviços. Segundo a United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), as indústrias criativas são aquelas que se originam da criatividade individual, habilidade e talento, envolvendo ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam a criatividade e o capital intelectual como principais insumos (UNCTAD 2010). Quando se trata da interseção entre a economia criativa e o território, há uma discussão sobre a relação simbiótica entre esses dois aspectos. Isso fica evidente na capacidade das atividades econômicas criativas e de seus arranjos correspondentes e interações socioculturais emergirem como impulsionadores cruciais do desenvolvimento territorial. Ao mesmo tempo, as características únicas dos territórios assumem um papel crucial na facilitação da execução dessas atividades, arranjos e interações. Sottratti destaca que a refuncionalização compreende uma forma de adaptação do espaço geográfico às mudanças sociais, e por este motivo se constitui em um processo com potencial de abranger escalas distintas de transformação, impactando bairros, cidades ou regiões em interação com a força de grupos sociais e de suas intencionalidades (Sottratti 2025).

É no contexto de reestruturação produtiva, de desindustrialização e de intervenções urbanas, que processos de refuncionalização do patrimônio industrial têm sido realizados. O fenômeno da refuncionalização de antigas instalações industriais é observado em cidades de várias partes do mundo, e, embora alguns dos casos mais conhecidos e estudados encontrem-se na Europa⁴. Este é um fenômeno que atinge cidades de países centrais e periféricos. Em comum, processos de refuncionalização de remanescentes industriais estudados por esses e outros autores sinalizam para três aspectos relevantes: os novos usos que encontram-se no âmbito das indústrias criativas, a discussão sobre a patrimonialização das edificações fabris e para e a complexidade desses processos no que se refere aos seus potenciais para uma transformação urbana que de fato incorpore diferentes atores sociais e cujos impactos sociais sejam menos excludentes.

A cidade do Rio de Janeiro possui mais de 60 remanescentes industriais de grande e médio porte espalhados pela sua paisagem urbana, com grande concentração desses remanescentes nas zonas central e norte da cidade. A maior parte passou por algum processo de refuncionalização, no entanto resta ainda um número significativo de antigas fábricas que se encontram abandonadas, cerca de 25 % do total de remanescentes. Considerando as novas funções adquiridas pelos remanescentes industriais refuncionalizados, existe forte predominância de essas instalações fabris se tornarem espaços com função cultural (museus, centros culturais, casas de shows e espaços culturais multifunção), como, por exemplo, o

⁴ Como LX Factory, em Lisboa (Gabriel *et al.* 2013); Indústria Robinson, em Portoalegre (Pacheco 2020); Palo Alto, em Barcelona (Oliveira 2015); o La Friche, em Marseille (Andres 2011).

Centro Cultural Fundição Progresso – casa de espetáculos e espaço de arte, educação e projetos sociais localizada no bairro da Lapa, que foi o primeiro caso de refuncionalização no Rio, a Fábrica Bhering – antiga fábrica de chocolates localizada no bairro Santo Cristo, hoje ocupada por artistas, artesãos, designers e outros profissionais das indústrias criativas, e o Píer Mauá – um complexo de 17 armazéns que servem como espaço para realização de eventos culturais, musicais, corporativos e gastronômicos na zona portuária da cidade (Borges-Corrêa 2025).

Aproximadamente metade do total de remanescentes encontra-se sob algum regime de patrimonialização por órgãos públicos, distribuídos entre as três esferas de governo: federal, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); estadual, por meio do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC); e municipal, por meio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH). Uma questão que vale ser destacada refere-se à preservação da memória dos remanescentes cariocas refuncionalizados, pois são poucos aqueles que possuem projetos destinados à salvaguarda de seu passado industrial de maneira destacada, visível e acessível ao público que os frequenta (Borges-Corrêa 2025).

Este artigo tem como objetivo investigar como o processo de preservação e refuncionalização do patrimônio de fábricas desativadas incorpora elementos relacionados à nostalgia da era industrial, tomando como objeto de estudo a Fábrica de Cartuchos de Realengo, uma antiga fábrica de cartuchos e munições de guerra na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A fábrica foi inaugurada em 1898, operou até 1978 e, em 1993, com o reconhecimento de seu valor histórico e arquitetônico, o edifício principal do complexo industrial e os ativos ao seu redor foram catalogados como monumentos históricos (figura 1).

Figura 1. Imagem da área 1 da Fábrica de Cartuchos de Realengo

Fonte: Marc Ferrez (1843-1923), Centro de Memórias de Realengo, Rio de Janeiro, Brasil.

Apesar desse reconhecimento, foi somente a partir de 2004 que se começou a pensar em projetos para o local e, entre 2006 e 2009, duas unidades de importantes escolas públicas foram instaladas em uma pequena área da antiga fábrica. Após anos de abandono de grande parte do terreno onde antes funcionava a Fábrica de Cartuchos de Realengo, em 2020 começou a ser gestado o novo projeto que finalmente viria a criar o Parque Realengo Suzana Naspolini, inaugurado em 2024 (figura 2). O estudo foi desenvolvido ao longo desse ano.

Figura 2. Obras de construção do Parque Realengo Suzana Naspolini

Fonte: arquivo pessoal de morador de Realengo, 2023.

Adota-se como hipótese de trabalho que a refuncionalização da fábrica resulta em uma forma de nostalgia superficial, sem promover uma conexão afetiva entre a memória do trabalho e a comunidade. A metodologia de pesquisa adotada é baseada em um estudo de caso (Yin 2005) que inclui revisão de literatura, análise documental e entrevistas semiabertas com residentes do bairro de Realengo, além de observação direta no Parque. A revisão de literatura forneceu o embasamento teórico sobre conceitos como nostalgia, patrimônio industrial e refuncionalização de espaços fabris. A análise documental incluiu a coleta de materiais históricos e imagens da antiga fábrica, assim como de registros das etapas de implementação do parque. Envolveu ainda o levantamento de reportagens, postagens em blogs e fotografias sobre a Fábrica de Cartuchos e sobre a sua atual etapa de refuncionalização, ou seja, sua transformação em Parque Realengo Suzana Naspolini.

As entrevistas foram conduzidas de maneira semiaberta, utilizando-se um roteiro com questões semiestruturadas sobre a memória da fábrica, as expectativas em relação ao parque e as percepções sobre a preservação do patrimônio industrial. Foram entrevistados residentes de Realengo, incluindo a fundadora de um centro de memória do bairro, frequentadores do parque e um ex-funcionário da Fábrica de Cartuchos de Realengo. Houve tentativas de localização de ex-operários para a realização de mais entrevistas, porém, em função do fato de a unidade fabril ter sido fechada há quase 50 anos, não foi possível encontrar outros respondentes ainda vivos e que ainda residissem na vizinhança. Os relatos foram analisados de maneira qualitativa, mediante análise interpretativa (Duarte 2006), para identificar as principais temáticas emergentes.

A observação direta foi realizada em três momentos: durante a fase de obras de refuncionalização, na inauguração do parque e em uma visita posterior, após o parque estar em pleno funcionamento. Foram realizadas incursões ao perímetro do parque com o intuito de monitorar o avanço das obras de refuncionalização. Em uma dessas incursões, foi viabilizada a entrada na área em obras, oportunidade na qual foi possível testemunhar o desenvolvimento das obras do Parque. As visitas, por sua vez, foram documentadas e integradas às análises, sendo respaldadas por registros fotográficos. A seleção para a análise visual considerou a relevância histórica dos vestígios no processo de transição de ruínas para o parque. Também ocorreram visitas na cerimônia de inauguração do parque, no dia 15 de junho de 2024, e quatro meses mais tarde, em outubro de 2024, quando o equipamento estava em pleno funcionamento. Durante essas visitas, observou-se o comportamento dos visitantes, a utilização dos espaços preservados e a interação dos frequentadores com a memória da antiga fábrica.

O caso da antiga Fábrica de Cartuchos de Realengo foi selecionado para estudo por ser a única refuncionalização em andamento no Rio de Janeiro no ano de 2023, quando a pesquisa foi iniciada, e também em função da participação ativa da comunidade local, oferecendo uma oportunidade para investigar o impacto do processo de transformação da antiga fábrica em um ambiente de cultura, lazer e sustentabilidade. Embora alguns autores como Evaso (1999) pontuem que a refuncionalização envolve a reatribuição de novos usos para espaços construídos sem modificar sua estrutura física, o que se verifica no recente processo de refuncionalização da Fábrica de Cartuchos de Realengo é um descolamento não apenas da funcionalidade original, já que o espaço tornou-se um parque, mas também de sua forma, uma vez que pouco restou dos prédios que compunham o antigo complexo industrial bélico. Esta situação não é incomum nos casos em que as edificações se encontram em estado avançado de degradação, como era o caso da parcela do terreno da Fábrica de Cartuchos de Realengo que hoje abriga o Parque de Realengo Susana Naspolini. Transformada em parque, a antiga fábrica teve somente sua chaminé preservada como marca do passado, embora o uso atual de destine ao lazer da comunidade.

T1|Patrimônio industrial

A cidade do Rio de Janeiro foi pioneira na formação de um parque industrial no Brasil, tendo ocupado a liderança até o início do século XX, quando perdeu espaço para São Paulo. A partir da década de 1970, na esteira da transferência da capital federal para Brasília, a cidade entrou num processo de desindustrialização, com o fechamento e deslocamento de diversas fábricas na cidade, localizadas em especial na região central e na zona norte do Rio de Janeiro. Esse fenômeno não é isolado, e se inscreve em alterações globais que Harvey associa à pós-modernidade (Harvey 2001), que estão profundamente relacionadas com a

desindustrialização das cidades, o surgimento de novos modos flexíveis de acumulação de capital e à consequente transferência da ênfase do setor produtivo para os serviços.

Simultaneamente, percebemos a acentuação da implantação de projetos de valorização e revitalização de áreas urbanas⁵, a partir do interesse pelo patrimônio cultural, focado nas indústrias criativas e na articulação de diversos atores sociais, o que leva à inserção desses espaços no mercado de lazer e entretenimento (Carvalho 2022, 9). O processo de patrimonialização de bens e práticas culturais tem transformado a relação entre cultura e desenvolvimento urbano. A valorização do patrimônio cultural, tanto em sua dimensão material quanto imaterial, tem contribuído para a construção de identidades locais mais fôtes e para a revitalização de espaços urbanos. Ao mesmo tempo, a patrimonialização tem sido objeto de debates e críticas, uma vez que pode levar à mercantilização da cultura e à perda de significado das práticas tradicionais (Yúdice 2006).

A ampliação da noção de patrimônio veio acompanhada também na sua aplicação a diferentes aspectos. Gonçalves chama a atenção para o fato de patrimônio estar entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano (Gonçalves 2009, 28). Assim, falamos não apenas de patrimônio cultural, mas de patrimônio material, imaterial, e até de patrimônios específicos, como o industrial. A definição para patrimônio industrial consta da Carta de Nizhny Tagil, adotada pelo Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage - TICCIH), e que adotamos neste artigo:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação [...]. O patrimônio industrial representa o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas (TICCIH Brasil 17 de julho de 2003, 3).

O conceito foi atualizado na Carta de Sevilha (Sobrino-Simal e Sanz-Carlos eds. 2019), considerando que os territórios produtivos detêm um “caráter evolutivo e neles identificam-se os aspectos básicos que definem as atividades econômicas, os procedimentos técnicos e as relações de produção de um território” (Sobrino-Simal e Sanz-Carlos eds. 2019, 21). Essa Carta ampliou aquilo que se entende hoje por patrimônio industrial, que passou a englobar também patrimônios de origem imaterial, como a memória do trabalho e dos trabalhadores, considerando práticas, modos de fazer, hábitos, costumes, comemorações, ofícios dos trabalhadores fabris, além de suas culturas material e visual. Assim, as revisões feitas na definição de patrimônio industrial por meio da Carta de Sevilha permitem estabelecer mais clara e fortemente o elo entre as formas de produzir, a sociedade e a cultura.

T1 Nostalgia industrial

⁵ Tanto aqui como no parágrafo abaixo revitalização é usada porque é o termo que os dois autores citados utilizam. A manutenção do termo no artigo se justifica por esse motivo e também porque há o entendimento de que revitalizar significa dar nova vida a ... [um espaço, lugar ou equipamento urbano], e não dar vida a um lugar que não havia vida antes. Esse entendimento segue a lógica de outros termos, como ressignificar (dar novo significado); refuncionalizar (dar nova função) etc.

A celebração nostálgica do passado em sociedades pós-industriais é um fenômeno comum, especialmente em cidades e áreas que passaram por períodos intensos de desindustrialização, como apontam Archer e Smith (Archer e Smith 2025). Com o deslocamento de unidades fabris para novas regiões, como aconteceu a partir dos anos 1980 nos Estados Unidos, ou mesmo com a redução da atividade econômica em determinadas localidades, equipamentos antes destinados à produção industrial se tornaram vazios, ensejando tanto sentimentos de rememoração do passado quanto novos projetos de ocupação.

Nostalgia é comumente associada a uma inclinação anacrônica a permanecer no passado, a uma desconexão patológica do tempo presente e a uma manifestação de ansiedade sobre o futuro. Desde que foi cunhado pelo médico suíço Johannes Hofen, no século XVII, para designar uma doença física que acometeria soldados afastados de suas terras natais, o conceito já adquiriu novos contornos, tendo sido associado a um deslocamento temporal; a uma oposição à modernidade (Pickering e Keightley 2006); a um fenômeno psicológico e sociológico, a partir do final do século XX, como reforçou Starobinski, que observou num artigo pioneiro a transição desse sentimento de um conceito médico para um psicológico, ressaltando a falta de adaptação do indivíduo a um espaço ou a um tempo (Starobinski 1966).

Embora seja considerado como o renovador da visão dessa emoção no século XX, Starobinski ainda concebia o desejo nostálgico tanto como irreversível quanto inalcançável, centrando-o no indivíduo, na sua relação com o tempo pessoal e a memória (Starobinski 1966). Outras concepções também reconheceram o conceito como um importante aliado do bem-estar e da saúde, de acordo com a psicologia experimental (Becker e Trigg eds. 2025), ainda numa perspectiva individual, enquanto outros incorporam dimensões coletivas, para além do caráter meramente pessoal. Neste sentido, Niemeyer aponta a potência criativa e produtiva da emoção, seja no aspecto pessoal ou no social (Niemeyer coord. 2014). Mesmo considerando a nostalgia como uma estratégia baseada no tempo, isto é uma forma de lidar com os tempos ausentes, Landwehr reconhece a possibilidade de o sentimento não estar restrito ao caráter pessoal e sim ser vivenciado por um grupo ou coletividade, que, ao lembrar, atualiza estágios ou momentos anteriores experimentados juntos (Landwehr 2018).

A ausência do passado se torna uma presença que se revela por meio da rememoração. A memória é o elemento básico do processo nostálgico, mas cabe destacar que esse não se confunde com a memória (Forster-Arnold 2024). Nostalgia é uma resposta emocional e afetiva, enquanto a memória é uma função cognitiva exercida individual e coletivamente. Santa-Cruz também destaca que a experiência nostálgica pode ser uma força ativa, dirigida para o futuro, ainda que baseada no passado (Santa-Cruz 2025). Mesmo que represente o lamento por um objeto, tempo, pessoa ou território perdidos, a nostalgia orientada para o futuro encara esta perda como uma força, uma fonte potente para elaborar as experiências históricas e pessoais.

Quer seja encarada como conceito, constructo, emoção ou um modo específico de lembrar, quando se aplica esta perspectiva nostálgica para nomear os sentimentos que afloram em relação a parques fabris a partir de eventos de desindustrialização, se pode encontrar reações negativas, indiferentes ou ainda entusiastas. A refuncionalização desses espaços pode terminar oferecendo o que Cowie e Heathcott chamaram de nostalgia das chaminés: parte das estruturas fabris são preservadas (em geral, as chaminés, por onde escoavam os gases produzidos na atividade industrial) enquanto o espaço adquire um novo uso (Cowie e Heathcott 2003). Ocorre que aquilo que se preserva não chega a ser nem exatamente uma exaltação de tempos anteriores nem uma completa aniquilação do passado, mas funciona

como citação comoditificada de uma era moderna distante, não claramente fixada no tempo. Esses elementos tornam-se, assim, referências levemente nostálgicas, um cenário difuso e não necessariamente homenagens ou elementos históricos.

Cowie e Heathcott, bem como Young e outros autores elencados por Archer e Smith, têm uma visão bastante crítica dos usos da nostalgia industrial, por considerarem que muitos destes ambientes, que constituiriam perdas das classes trabalhadoras, são transformados em objetos de apreciação estética, enquanto desviam a atenção daqueles que eram operários nestes locais (Archer e Smith 2025; Cowie e Heathcott 2003). Assim, ao mesmo tempo em que evidenciariam aspectos arquitetônicos da instalação, negligenciariam ou mesmo tornariam invisíveis os grupos de pessoas cuja atuação e identidade estavam profundamente conectadas com aquela unidade fabril. Por outro lado, autores como Strangleman destacam que o lamento pela perda de fábricas pode fazer parte de um processo relevante de luto individual e coletivo da vida operária (Strangleman 2023). Para a comunidade local ou para os ex-trabalhadores da fábrica a presença destes edifícios abandonados e, frequentemente, em ruínas pode funcionar como um marcador negativo, evidenciando, por exemplo, a perda de postos de trabalho ou o declínio econômico de uma região. A presença dos prédios vazios se constitui um símbolo da decadência pessoal ou coletiva motivada pela saída da indústria. Experimentar esse lamento pode ser importante para lutar por melhores condições de trabalho, por uma revitalização do local e até por novas destinações para o equipamento fabril.

T1 Sobre o bairro e a Fábrica de Cartuchos de Realengo

Realengo é um bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, localizado aproximadamente a 40 quilômetros da região central (figura 3). De acordo com Mansur, sua origem remonta ao período do Império Brasileiro, e ganhou importância estratégica a partir de 1850, quando foi transformado em uma área militar, sendo antes disso uma área predominantemente agrícola (Mansur 2008). O bairro experimentou sua expansão no início da década de 1940, quando recebeu investimentos em infraestrutura de transporte ferroviário e a construção de conjuntos habitacionais destinados principalmente à classe trabalhadora e operários industriais (Santos e Soares-Gonçalves 2023). A presença histórica de instalações militares do Exército Brasileiro é outra característica de Realengo. Atualmente, é o quinto bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro - 165.881 habitantes, de acordo com o Censo de 2022 (PCRJ 2024), predominantemente habitado por indivíduos de grupos de baixa renda com, na maior parte, formação educacional limitada.

Figura 3. Mapa do bairro de Realengo

Fonte: Google Maps, 2025

A Fábrica de Cartuchos e Artefatos de Guerra foi inaugurada em 27 de julho de 1898, com a missão de produzir munições de infantaria (cujas armas utilizadas são consideradas “armas leves”, como fuzis e metralhadoras) para o Exército Brasileiro, e tornou-se uma referência para o bairro, sendo também conhecida como Fábrica de Cartuchos de Realengo ou, simplesmente, Fábrica de Realengo. Ao longo de sua história, a Fábrica, embora fosse um símbolo de avanço tecnológico e desenvolvimento, enfrentou críticas no que se refere a práticas de exploração laboral, pois os salários dos operários eram inferiores aos salários de outras indústrias civis. Além disso, com a crescente demanda por munição, a Fábrica chegou a contratar mulheres e crianças, que recebiam salários ainda mais baixos, refletindo tensões sociais e econômicas (Viana 2016) (figuras 4 e 5).

Figura 4. Crianças trabalhadoras na Fábrica de Realengo

Fonte: Marc Ferrez (1843-1923), Centro de Memórias de Realengo, Rio de Janeiro, Brasil.

Figura 5. Oficina de embutir, onde se veem crianças trabalhando

Fonte: Marc Ferrez (1843-1923), Centro de Memórias de Realengo, Rio de Janeiro, Brasil.

Entre 1940 e 1970, a Fábrica e o bairro de Realengo prosperaram significativamente, impulsionados pela expansão das operações fabris e pelo crescimento urbano. Em termos de tamanho, em 1976, apenas alguns anos antes de seu fechamento, a Fábrica de Cartuchos de Realengo ocupava e possuía três terrenos – conhecidos como Área 1, Área 2 e Área 3 – totalizando aproximadamente 260.000 metros quadrados. Não existem muitos materiais que documentam a história da fábrica e analisam as memórias de seus trabalhadores. No único registro encontrado relativo ao número de trabalhadores empregados ao longo do período de seu funcionamento consta que, em 1911, eram 401 trabalhadores: 141 operários, 175 auxiliares de oficina, 53 aprendizes, 20 serventes e 12 encarregados de oficina (Goldoni 2013). Para se ter uma ideia da dimensão e da complexidade da fábrica, nessas três áreas que compunham a planta industrial, havia, além dos prédios destinados à produção (localizados na Área 3), prédios da administração, um posto médico, um armazém e uma padaria para atender aos funcionários (Área 1) e prédios ligados à parte social e comunitária, como uma escola maternal, uma escola de aprendizagem industrial, um refeitório e quadras para a prática de esportes (Área 2).

A desativação da fábrica em 1977, impulsionada pela estratégia nacional de centralização da produção de armamentos na empresa estatal Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL), marcou o início do declínio do bairro de Realengo, com consequências socioeconômicas duradouras. Moradores entrevistados relatam que Realengo passou a ser um bairro dormitório, de onde os habitantes saíam pela manhã e aonde só retornavam à noite, em função de suas atividades laborais e de lazer se concentrarem em outros bairros da cidade. Em 1983, a área conhecida como Área 2, onde o Imperador D. Pedro II havia decretado a construção da fábrica, foi completamente demolida para a construção do Condomínio Parque Real, adquirido pela Fundação Habitacional do Exército (FHE POUPEX9). Atualmente, não há marcas ou menções que remetam à história fabril do local.

A partir de 2004, alguns edifícios abandonados, incluindo aquele que abrigava a central elétrica da fábrica e a antiga residência do comandante da fábrica, começaram a ser refuncionalizados. Esses edifícios agora abrigam o Campus Realengo do Colégio Pedro II, uma instituição educacional pública tradicional na cidade do Rio de Janeiro. Em 2009, outra instituição educacional, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia — Campus Realengo, também começou a operar no local. Ainda em finais da década de 1980, uma associação formada por moradores de Realengo e de outros bairros da Zona Oeste — o Movimento Pró-Escola Técnica em Realengo (Movetec) — começou a lutar pela ocupação das áreas da fábrica que ficaram abandonadas após o encerramento das atividades industriais, obtendo, na década de 1990, o tombamento⁶ de edificações e prédios que faziam parte da

⁶ De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. A palavra tombo, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros

planta fabril, e, na década seguinte, a implantação de uma instituição pública de ensino em alguns desses prédios. Inaugurado em 2006, o Colégio Pedro II – Campus Realengo foi resultado de uma luta de anos para que o bairro de Realengo tivesse uma instituição de ensino médio de qualidade. Segundo Santos:

Para que a almejada escola fosse implantada, o movimento intervém junto ao Exército Brasileiro pela liberação de um dos espaços ociosos da fábrica de munição abandonada. No mesmo diapasão está a conquista do tombamento desse espaço como patrimônio histórico e, também por força de lei, a sua conversão para finalidades de ensino (Santos 2018, 24).

O autor se refere à Lei Municipal nº 1.962, de 04 de maio de 1993, ratificada pelo Decreto Municipal nº 13.679, de 15 de fevereiro de 1995. É assim que, da área total de cerca de 55.000 m² da Área 1 da Fábrica de Cartuchos de Realengo, quase 19.000 m² foram ocupados pela unidade de Realengo do tradicional Colégio Pedro II, inaugurada no dia 06 de abril de 2004.

Neste sentido, é importante destacar que a organização da população de Realengo e da Zona Oeste em prol da criação do Parque de Realengo não foi o primeiro movimento que lutou pela refuncionalização dos remanescentes da Fábrica de Cartuchos de Realengo.

T1 Parque Realengo Suzana Naspolini: de fábrica de armas a parque urbano

No início da década de 2020, havia na área originalmente ocupada pela Fábrica de Cartuchos cinco edificações do período em que a unidade estava em operação produzindo munição e artefatos bélicos. Quatro delas encontravam-se então em estado completo de ruína e uma, apesar de abandonada, não totalmente transfigurada em escombros. (figura 6) Esta abrigara a casa do administrador da unidade fabril, em uma área de aproximadamente 142.000 metros quadrados, com uma parte deste terreno coberta por vegetação sem nenhum tipo de trato.

Figura 6. Ruína da antiga residência do administrador da fábrica

Fonte: arquivo pessoal de morador de Realengo, sem data

Desde 2019, parte deste terreno era ocupada por pequenos comerciantes e vendedores ambulantes, enquanto o movimento popular "O Realengo Que Queremos" começou a advogar pela criação de um parque ecológico na área. Em 2021, o Governo Municipal do Rio de Janeiro, que adquiriu o terreno do Exército Brasileiro para administração, iniciou a construção do Parque de Realengo Jornalista Susana Naspolini em 50 % do terreno restante da antiga fábrica, com conclusão prevista para 2024. Em novembro de 2022, a Prefeitura apresentou um aviso de despejo aos comerciantes que ocupavam o terreno desde 2019, sem oferecer qualquer alternativa ou assistência aos comerciantes locais.

Desde o anúncio da criação do Parque, diversos movimentos sociais, como o "Movimento Parque de Realengo Verde", o "Meu Rio" e a "Agenda Realengo 2030", compostos por moradores locais e cidadãos do Rio de Janeiro em geral, se mobilizaram na tentativa de estabelecer diálogo com o Governo Municipal para garantir que o parque incluísse jardins, espaços multiuso, uma trilha cultural, uma área esportiva, jardins de chuva e um ecoponto para a coleta e separação de todos os resíduos sólidos do parque. Durante alguns anos esses

do tombamento. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente.

movimentos e coletivos de cidadãos, destacadamente o coletivo “Movimento Parque de Realengo Verde”, popularmente conhecido como Realengo Verde, tentaram fazer chegar ao poder público municipal suas reivindicações e, embora não tenham tido suas demandas plenamente atendidas, foram atores relevantes no projeto de implantação do Parque.

Finalmente, em 15 de junho de 2024 o Parque de Realengo Jornalista Susana Naspolini foi inaugurado, proporcionando aos frequentadores espaços para shows, feiras de artesanato, quadras esportivas e projetos ligados à sustentabilidade (figuras 7, 8, 9 e 10). O Parque, além desses ambientes e iniciativas diretamente ligadas à economia criativa, é também um lugar que abriga programas que celebram parcerias entre poder público e setor privado.

Figura 7. Esculturas no centro do parque, onde ocorrem shows de luz e água

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

Figura 8. Quadras esportivas e pista para skate

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

A análise do material levantado permitiu a identificação dos principais elementos de preservação e refuncionalização do patrimônio industrial da Fábrica de Cartuchos de Realengo, bem como a compreensão das percepções e experiências dos moradores do bairro e ex-funcionários da fábrica em relação a esses processos, verificando a ocorrência de nostalgia industrial. Comparando fotografias da fábrica quando em funcionamento e imagens atuais, é possível ver a entrada principal, no centro da foto, bem como a chaminé, à esquerda (figura 1). São justamente estes os únicos elementos mantidos no Parque após a refuncionalização.

Especialmente na última visita de observação direta, percebeu-se que os frequentadores do espaço valorizam as ofertas de lazer, a segurança no local e as atividades culturais e recreativas desenvolvidas nele. Não houve menção ao passado fabril, apesar de uma antiga edificação ter sido mantida, bem como a chaminé. As pessoas entrevistadas comentavam sobre a horta mantida pela Prefeitura no local, que semanalmente distribui alimentos colhidos no local aos moradores, ou mencionavam o playground aquático.

Figura 9. Projetos de sustentabilidade desenvolvidos no Parque, abertos à comunidade

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

Figura 10. Áreas de lazer para a comunidade

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

Na visita realizada no mês de outubro, se identificou que o atual percurso interno do parque, a partir da entrada principal (o espaço conta com mais três portões secundários, um em cada face do terreno), não passa perto da chaminé (figura 11). Muito embora haja em frente a ela uma placa indicando que ali funcionava uma fábrica, o fato de a chaminé ficar fora da passagem da maior parte dos visitantes colabora para que o uso atual dos frequentadores seja desvinculado do seu passado.

Figura 11. Percurso secundário para chegar à Chaminé

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

Na observação direta, enquanto se verificava a placa colocada à frente da chaminé (figuras 12 e 13), uma mulher na faixa dos 40 anos que corria olhou com estranhamento para o fato de

haver pessoas paradas naquele ponto. Enquanto as autoras estiveram ali, nenhuma outra pessoa passou pelo local.

Figura 12. Placa sobre a chaminé da Fábrica de Cartuchos

Fonte: fotografia digital pelas autoras, 2024

Figura 13. Chaminé preservada

Fonte: fotografia digital das autoras, 2024

Nas incursões anteriores, verificou-se que não havia previsão de instalação de homenagens específicas para destacar o passado do parque como parte da Fábrica de Cartuchos. Muito embora a Prefeitura tenha instalado uma placa próxima à chaminé, como já mencionado, esta ruína não faz parte do percurso mais utilizado pelos visitantes, exigindo um deslocamento até o local. O Movimento Parquinho Verde apresentou uma demanda inicial por um centro de memória, até o presente não recebeu nenhuma declaração oficial da Prefeitura sobre uma iniciativa com este objetivo, que reconheça e valoriza a história cultural e fabril do local. Um dos mais importantes acervos históricos locais, o Centro de Memórias de Realengo, criado e mantido por Luisa Nogueira, professora do bairro, foi descontinuado por falta de financiamento. Embora não fosse restrito à memória fabril da região, abrangendo também a história cultural da região, ele se tornou uma fonte importante de documentos sobre a Fábrica de Cartuchos para este artigo.

O consórcio de arquitetura que venceu a licitação para elaboração do projeto para o Parque Realengo, Ecomimesis Soluções Ecológicas, previu inicialmente que, para as quatro edificações em estado de ruínas, seria elaborado um roteiro cultural detalhado, com percurso elevado para permear e manter a integridade original das edificações, as quais receberiam estruturas de contenção, “proporcionando aos visitantes uma imersão na história da antiga fábrica que ocupava o local” (*ArchDaily Brasil* 22 de julho de 2024). (figura 14). No entanto, durante a execução da obra, as quatro ruínas foram demolidas, divergindo do projeto inicial. E a edificação abandonada, que era a antiga casa do administrador da fábrica, foi adaptada para servir como sede administrativa para visitas oficiais da Prefeitura ao bairro (figura 15).

Figura 14. Uma das quatro ruínas não preservadas

Fonte: arquivo pessoal de morador de Realengo, sem data

Figura 15. Obras de restauração das ruínas da antiga residência do administrador da fábrica

Fonte: arquivo pessoal de morador de Realengo, 2023

O sentimento nostálgico provocado pela extinção de um passado industrial, portanto, não se evidencia no processo de refuncionalização, que praticamente esquece o passado do local, mesmo quando mantém um resquício da utilização anterior. O que se assemelha à conceituação de Cowie e Heathcott, quando falam da nostalgia das chaminés: ocorre a preservação de uma estrutura que indica qual foi o uso anterior daquele equipamento ou espaço, mas apenas como citação comoditificada — não é nem uma elegia ao passado nem a sua completa aniquilação, apenas uma referência esmaecida (Cowie e Heathcott 2003). Já nas entrevistas semiabertas realizadas com moradores (não necessariamente frequentadores do parque), identificaram-se muitos laços afetivos com a fábrica, cujo fechamento, pelos relatos obtidos, deixou um vácuo tanto no tecido econômico quanto no tecido social do bairro. Nos depoimentos, sobressaem, de modo especial, as ações sociais da fábrica, e relatos saudosistas

romantizados. Como o deste ex-trabalhador da empresa, cujo nome foi alterado por questões de privacidade.

Realmente, foi triste, foi muito triste o fechamento porque era uma era uma alegria a Fábrica em Realengo. Conforme disse a você, às seis e quarenta dava o primeiro apito, o expediente ia começar às sete, então era muita gente indo. Naquele tempo, a condução melhor era bicicleta, então todo mundo vinha de bicicleta e tal, você via. [...] todo mundo de azul. As mulheres iam de avental azul também. Então, você via a rua toda azul, isso na ordem do pessoal, e quando chegava cinco horas que apitava o término do expediente, estava todo mundo saindo de azul também.⁷

Esse e outros trechos do depoimento do ex-funcionário revelam certo enaltecimento e uma forte conexão emocional com a fábrica, apesar do histórico de críticas às práticas de trabalho e às questões salariais apontado por Viana (Viana 2016). Percebe-se que, para alguns, a fábrica representou uma chance de transformação de vida. O antigo funcionário relatou que as iniciativas sociais da fábrica eram especialmente valorizadas.

Eu lamento profundamente a fábrica ter encerrado. A fábrica fazia muita coisa no Natal, distribuía muita coisa, presentes e cestas. O aniversário da fábrica era maravilhoso [...] E vinha circo, os funcionários podiam levar seus filhos, arrumam tudo na área três, era uma festa.⁸

As declarações apontam ainda para um fenômeno que os estudos sobre o fenômeno nostálgico sinalizam sobre as percepções construídas em torno do passado. Muito embora as fábricas tenham sido palcos de conflitos entre trabalhadores e empregadores, refletindo as tensões sociais e econômicas de suas épocas, o que se fixou na memória desses operários foi uma visão suavizada daquele cotidiano e das relações de trabalho então em vigor. Outro entrevistado⁹, que trabalhou em uma das lojas do bairro quando a fábrica estava em plena operação e significava um polo de desenvolvimento local, aponta que o fechamento da fábrica o obrigou a reorganizar toda a sua rotina, para poder trabalhar no centro da cidade. Assim, o bairro voltou a ser um “dormitório”, para onde os moradores retornavam ao final da jornada apenas para descansar, com as atividades laborais e também de lazer concentradas em outras regiões.

Talvez devido ao tempo que separa o fechamento da fábrica e a inauguração do parque — quase cinco décadas — as expectativas de que o Parque de Realengo possa ajudar a preservar a memória da Fábrica de Cartuchos não estão muito presentes nas falas dos entrevistados, que foram estimulados a refletir sobre essa possibilidade. Carlos Alberto¹⁰, antigo trabalhador já citado, expressou com entusiasmo a transformação de seu antigo local de trabalho em uma área verde, mas não acredita que um monumento ou um registro em homenagem à antiga fábrica seja algo relevante de ser criado, pois considera que mais importante que qualquer monumento é ter a área da antiga fábrica com uma nova função que beneficie a comunidade e o bairro. As lembranças da antiga fábrica e a tristeza pelo abandono de seus prédios estão presentes nos depoimentos de moradores do bairro, que, anonimamente, postam mensagens no blog Histórias de Realengo, como o próprio nome sugere, dedicado à história de Realengo:

⁷ Carlos Alberto (nome fictício, ex-funcionário da fábrica, entrevistado pelas autoras, 18 de novembro de 2023).

⁸ Carlos Alberto, entrevista.

⁹ Manuel da Silva (nome fictício, ex-empregado de loja do bairro de Realengo), entrevistado pelas autoras, 25 de outubro de 2023.

¹⁰ Carlos Alberto, entrevista.

Eu nasci em 1965 e as lembranças que tenho já são dos locais desocupados. Ainda peguei um pouco do funcionamento da fábrica ali onde hoje é o colégio Pedro II. A entrada era pela rua Dr Lessa. Mas rapidamente tudo aquilo ficou abandonado e cercado por tapumes. Passaram-se décadas e nada mais funcionava ali. Eu estudei em Bangu durante o final do ano de 1979 a 1982 e ao passar ali onde hoje é o colégio só via ruínas de dentro do ônibus. [...] Uma pena os prédios não terem sido preservados!! [...] Hoje trabalho em Realengo onde durante a minha infância e adolescência existiu aquele local cheio de ruínas que a gente passava na frente dentro dos ônibus e só dava pra ver a chaminé e as partes altas dos prédios abandonados [...] Eu tive tios vizinhos que trabalharam na fábrica de Realengo, pois moro em Realengo e tenho vizinhos que contam muitas histórias desta fábrica. Eu me bastava no apito da fábrica para chegar na hora certa no colégio (Almeida 2024).

Em outro blog, intitulado Bairro Realengo, um depoimento sobre a criação do parque se destaca:

Hoje 15/06/2024 foi inaugurado o parque de Realengo no terreno da antiga Fábrica de cartuchos, foi uma festa muito bonita. Fiquei feliz em vê (sic) aquele espaço sendo reaproveitado, tenho 53 anos de Realengo e todas as vezes que passava em frente a antiga Fábrica meu coração ficava triste em vê aquele terreno totalmente abandonado (*Bairro Realengo blog* 2016).

Em relação às expectativas geradas com o início de funcionamento do parque, os depoimentos coletados sinalizam para uma visão positiva de futuro, considerando a ampliação de áreas de lazer ao ar livre para os moradores de Realengo e também o potencial do parque em estimular o desenvolvimento do bairro e da região. Durante uma visita noturna ao parque, notou-se a presença de famílias no entorno, algo incomum antes da refuncionalização da fábrica, o que pode indicar que a sensação de segurança na área aumentou. Um grupo bastante otimista com a abertura do parque é o dos comerciantes locais, como fica evidenciado na fala de um deles:

Agora tenho um sentimento melhor em relação ao parque. O movimento de pessoas aqui já aumentou, antes era meio vazio, só tinha algumas coisas na rua e os comércios beirando o muro. Só isso que tinha, mais nada [...] Tem que começar a movimentar o bairro, fazer dinheiro para o bairro, não só pros comerciantes, mas para o próprio morador do bairro¹¹.

Não obstante a essas boas expectativas, existe também a apreensão de que, com o passar do tempo, o parque e seus entorno possam ser progressivamente negligenciados pela prefeitura. A preocupação é que a ausência de manutenção e iluminação adequadas transforme o ambiente em um local inseguro e abandonado, como ocorre com outras praças e espaços públicos de Realengo. Um desabafo feito pela fundadora do Centro de Memórias de Realengo ajuda a ilustrar essa questão:

Deste movimento, eu quero parabenizar todas as pessoas que lutaram para que este espaço acontecesse. [...] A minha preocupação com o parquinho pode até parecer uma preocupação boba. [...] É a mesma preocupação que eu tenho com as praças. Porque nós temos muitas praças abandonadas, sem cuidado nenhum. Então, criar um parque que não mantenha uma estrutura do começo ao fim, a gente pode também estar criando um espaço negativo, é como dar um tiro no pé.¹²

¹¹ Morador do bairro.

¹² Moradora do bairro e fundadora do Centro de Memórias de Realengo.

Já no que tange à preservação da memória da antiga fábrica, essa construção do centro de memórias, a fundadora disse não ter mais quaisquer expectativas de ajuda pública e da concretização de seu sonho.

Eu não me engano nem me animo mais com determinadas coisas, né? Eu não acredito em nada que venha de encontro à preservação da memória, que tenha um espaço para memória e tudo mais. A gente faz algumas coisas, né? Tem sonhos, mas estou com idade suficiente, né? Até pelas experiências, pelo que passei, de ver que não existe preocupação em relação a isso.¹³

T1 Conclusões

Este artigo examinou como a nostalgia industrial se manifesta na preservação do patrimônio da antiga Fábrica de Cartuchos de Realengo, questionando o papel dessa emoção como ferramenta de valorização cultural. Procurou também trazer reflexões sobre os impactos e as complexidades do processo de refuncionalização da Fábrica de Cartuchos de Realengo, com ênfase na preservação do patrimônio e na experimentação nostálgica do passado industrial.

As análises realizadas permitiram confirmar a hipótese de trabalho de que a refuncionalização da fábrica resulta em uma forma de nostalgia superficial, sem promover uma conexão afetiva entre a memória do trabalho e a comunidade, pois observou-se que, embora a transformação do espaço em parque público represente um ganho em termos de áreas de lazer e convivência, ela carece de elementos que efetivamente conectem a comunidade ao passado fabril. A preservação de poucos vestígios, como a chaminé e uma das edificações, ilustra o fenômeno da “nostalgia das chaminés”, como conceituam Cowie e Heathcott, na qual o valor simbólico é mantido sem um vínculo claro com a história dos trabalhadores e com as práticas industriais que deram identidade ao local (Cowie e Heathcott 2003).

Para o caso específico da cidade do Rio de Janeiro, esta questão é ainda mais significativa, pois como argumentam Cavalcanti e Fontes, ao longo do tempo, ocorreu certo apagamento do passado industrial do Rio de Janeiro, “cuja memória é pouco visível ou valorizada no imaginário social relacionado à cidade” (Cavalcanti e Fontes 2011, 12). A cidade se firmou como cidade de serviços e indústrias criativas, reafirmando sua função de provedora de serviços modernos, voltada, particularmente, para o turismo e os negócios. A atual identidade do Rio, além de ainda reforçar sua memória como capital federal, acentua suas belezas naturais.

As entrevistas, a observação direta e os documentos consultados indicam que ainda existem no bairro lembranças vívidas e afetivas da fábrica, o que demonstra o potencial do patrimônio industrial como catalisador de identidade local. No entanto, a ausência de um centro de memória e de um percurso histórico mais integrado no parque limita o engajamento da comunidade com essa memória coletiva. A nostalgia, ao invés de atuar como um elo vivo com o passado, torna-se uma representação superficial e mercantilizada, o que pode resultar na perda de significados históricos e culturais valiosos.

O caso da antiga Fábrica de Cartuchos de Realengo evidencia a complexidade dos processos de refuncionalização do patrimônio industrial e lança luz sobre a luta de grupos da sociedade civil por participação, o que não é comum nos casos brasileiros, que, via de regra, são processos conduzidos pelo poder público e/ou pela iniciativa privada e que acontecem sem

¹³ Moradora do bairro e fundadora do Centro de Memórias de Realengo.

consulta ou participação da população. Ressalta-se ainda a importância de políticas de refuncionalização que contemplem, de forma mais profunda, o patrimônio imaterial associado aos espaços industriais. Recomenda-se que futuros projetos de revitalização em contextos semelhantes busquem integrar as narrativas e experiências das populações locais, promovendo uma emoção nostálgica que não apenas valorize a estética dos espaços, mas que reforce a memória histórica e a identidade comunitária.

T1Bibliografia

T2Fontes primárias

T3Conteúdo multimídia e digital

- “História”. 2016. *Bairro de Realengo* (blog). <https://bairrorealengo.blogspot.com/p/historia.html>
- “Parque Realengo Susana Naspolini / Ecomimesis Soluções Ecológicas”. 2024. *ArchDaily Brasil* (página web), 22 de julho. <https://www.archdaily.com.br/1019057/parque-realengo-susana-naspolini-ecomimesis-solucoes-ecologicas>
- Almeida, Luiz Orlando de. 2024. “A FÁBRICA DE REALENGO por Luiz Orlando de Almeida”. *História de Realengo* (blog). 5 de março. <https://historia-de-realengo.blogspot.com/2024/03/a-fabrica-de-realengo-por-luiz-orlando.html>
- Instituto Pereira Passos (PCRJ). 2024. “Bairros. População e Domicílios (total e particulares ocupados)”. *Sistema Municipal de Informações Urbanas* (página web). <https://siurb.rio/portal/apps/dashboards/e5cefe191fb34084ae408c2aea1dde6f>

T2Fontes secundárias

- “Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial (2003)”. *TICCIH Brasil* (página web), 17 de julho de 2003. https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675
- Andres, Lauren. 2011. “Alternative Initiatives, Cultural Intermediaries and Urban Regeneration: the Case of *La Friche* (Marseille)”. *European Planning Studies*, 19(5): 795-811. <https://doi.org/10.1080/09654313.2011.561037>
- Archer, Alfred e Leonie Smith. 2025. “Industrial Nostalgia and Working-Class Identity”. Em *The Routledge Handbook of Nostalgia*, editado por Tobias Becker e Dylan Trigg, 341-353. Abingdon e Nova Iorque: Routledge.
- Becker, Tobias e Dylan Trigg, eds. 2025. “Introduction”. Em *The Routledge Handbook of Nostalgia*, editado por Tobias Becker e Dylan Trigg, 1-12. Abingdon e Nova Iorque: Routledge.
- Borges-Corrêa, Sílvia. 2025. “Repurposing of industrial remnants in the city of Rio de Janeiro”. *Cadernos Metrópole*, 27(62): e6266068. <http://doi.org/10.1590/2236-9996.2025-6266068-en>
- Carvalho, Karoliny-Diniz. 2022. “Economia criativa e turismo em áreas patrimoniais: Processos e relacionamentos no Centro Histórico de São Luís, Maranhão”. *Diálogo com a Economia Criativa*, 7(19): 9-27. <https://doi.org/10.22398/2525-2828.7199-27>
- Caivalcanti, Mariana e Paulo Fontes. 2011. “Ruínas industriais e memória em uma ‘favela fabril’ carioca”. *História Oral*, 14(1): 11-35. <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/221>

- Cowie, Jefferson e Joseph Heathcott. 2003. “The meanings of deindustrialization”. Em *Beyond the ruins: The meanings of deindustrialization*, editado por Jefferson Cowie e Joseph Heathcott, 1-15. Ithaca e Nova Iorque: ILR Press. <https://core.ac.uk/download/pdf/5121289.pdf>
- Duarte, Jorge. 2006. “Entrevista em profundidade”. Em *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, editado por Jorge Duarte e Antonio Barros. 62-83. São Paulo: Atlas.
- Evaso, Alexander-Sergio. 1999. “A refuncionalização do espaço”. *Experimental*, (6): 33-54.
- Forster-Arnold, Agnes. 2024. *Nostalgia. A History of a Dangerous Emotion*. Londres: Picado.
- Gabriel, Leandro, Mário Vale, Soraia Silva e Francisco Azevedo. 2013. “Formação de espaços criativos: o caso da LX Factory em Lisboa”. Conferência apresentada no IX Congresso da Geografia Portuguesa, Universidade de Évora, Évora, Novembro. <https://www.researchgate.net/publication/277708936>
- Goldoni, Luiz-Rogério-Franco. 2013. “Indústria bélica brasileira na primeira metade do século XX”. *Revista da Escola de Guerra Naval*, 19(1): 111-136. <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/4634>
- Gonçalves, José-Reginaldo-Santos. 2009. “O Patrimônio como categoria de pensamento”. Em *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, editado por Regina Abreu e Mário Chagas, 25-33. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Harvey, David. 2001. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Landwehr, Achim. 2018. “Nostalgia and the turbulence of times”. *History and Theory*, 57(2): 251-268. <https://doi.org/10.1111/hith.12060>
- Mansur, André-Luis. 2008. *O velho oeste carioca. História da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba), do século XVI aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Ibis Libris.
- Meneguello, Cristina, org. 2021. *Arte e patrimônio industrial*. Série TICCIH-Brasil Novas perspectivas, vol. 3. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Niemeyer, Katharina, coord. 2014. “Introduction”. Em *Media and nostalgia: Yearning for the past, present and future*, coordinado por Katharina Niemeyer, 1-23. Londres: Palgrave Macmillan Memory Studies.
- Oliveira, Lígia. 2015. “Culture as an Engine in Palo Alto’s Urban Regeneration Process”. *On on the w@terfront. Public Art.Urban Design.Civic Participation.Urban Regeneration*, 37: 7-45. <https://revistes.ub.edu/index.php/waterfront/article/view/18817>
- Pacheco, Susana. 2020. “A fábrica e a cidade: uma relação simbiótica entre a Robinson e Portalegre”. Em *Património Industrial Ibero-americano: recentes abordagens*, dirigido por Ana Cardoso de Matos e Vicente-Julián Sobrino-Simal. Évora: Publicações do CIDEHUS. <http://doi.org/10.4000/books.cidehus.12832>
- Pickering, Michael e Emily Keightley. 2006. “The Modalities of Nostalgia”. *Current Sociology*, 54(6): 919-941. <https://doi.org/10.1177/0011392106068458>
- Santa-Cruz, Lucia. 2025. “Nostalgia Toward the Future”. Em *The Routledge Handbook of Nostalgia*, editado por Tobias Becker e Dylan Trigg, 378-388. Abingdon e Nova Iorque: Routledge.
- Santos, Daniel-Vilaça dos. 2018. “O Colégio Pedro II e o bairro de Realengo (2001-2008): o preâmbulo de uma história”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Santos, Henrique Mendes dos e Rafael Soares-Gonçalves. 2023. “Favelas e metropolização do Rio de Janeiro: o caso da favela da Vila do Vintém, no bairro de Realengo, no segundo pós-guerra”. *Acervo*, 36(1): 1-23.
- Santos, Milton. 1985. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel.
- Santos, Milton. 1998. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC.

- Santos, Milton. 2002. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.
- Sobrino-Simal, Julián e Marina Sanz-Carlos, eds. 2019. *Carta de Sevilla de Patrimonio Industrial 2018: los retos del siglo XXI*. Sevilla: Fundación Pública Andaluza Centro de Estudios Andaluces. <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2019/03/Carta-de-Sevilla-de-Patrimonio-Industrial-febrero-2019.pdf>
- Sottratti, Marcelo-Antônio. 2025. “Revitalização”. Em *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*, editado por Maria Beatriz Rezende, Bettina Grieco, Luciano Teixeira e Analucia Thompson. Rio de Janeiro e Brasília: IPHAN - DAF - Copedoc. <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>
- Starobinski, Jean. 1966. “The Idea of Nostalgia”. *Diogenes*, 14(54): 81-103. <https://doi.org/10.1177/039219216601405405>
- Strangleman, Tim. 2023. “Sociological Futures and the Importance of the Past”. *Sociology*, 57(2): 305-314. <https://doi.org/10.1177/00380385221119093>
- United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). 2010. *Creative Economy: a feasible development option*. Geneva: UNCTAD.
- Viana, Cláudia Gomes de Aragão. 2016. “A Fábrica de cartuchos do Realengo (1898-1977)”. *Revista Digital Simonsen*, (4).
- Yin, Robert. 2005. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Yúdice, George. 2006. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.